

TOSTÃO

Tempos vividos, sonhados e perdidos

Um olhar sobre o futebol

2ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Tostão

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

© Bob Wolfenson

Preparação

Oswaldo Tagliavini Filho

Revisão

Carmen T. S. Costa

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tostão

Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol / Tostão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2791-7

1. Crônicas brasileiras 2. Futebol 1. Título.

16-05914

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas de futebol : Literatura brasileira 869.93

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Colaboradores.....	7
Introdução.....	9
1. Encantamento.....	11
2. Os ídolos também envelhecem.....	21
3. João Saldanha, o humanista.....	36
4. Zagallo, o estrategista.....	51
5. Um time inesquecível.....	61
6. Bebi champanhe na taça Jules Rimet.....	71
7. Morte e renascimento.....	77
8. Intermezzo.....	87
9. O encanto da derrota.....	92
10. Os “quases” da vida.....	102
11. Convulsão ou piti.....	113
12. A volta por cima.....	124

13. A vida é um espanto.....	135
14. Futebol revolucionário.....	143
15. Uma grande ilusão.....	152
16. A tragédia dos 7 a 1.....	159
17. Não foi por acaso.....	167
18. Futebol, ouro e lama.....	183
19. Desconstrução e reconstrução.....	189
Créditos das imagens.....	195

Colaboradores

Juca Kfourri, jornalista, escreveu o capítulo 18, “Futebol, ouro e lama”, sobre a evolução do poder político e financeiro da Fifa, que se espalhou pelas federações de todo o mundo.

Dr. Roberto Abdalla Moura, médico oftalmologista, radicado nos Estados Unidos na época da Copa do Mundo de 1970, escreveu o capítulo 6, “Bebi champanhe na taça Jules Rimet”. Ele, meu médico, a convite da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), assistiu nos estádios a todos os jogos da Seleção.

Rodrigo Fuscaldi, jornalista, coordenador de jornalismo do Minas Tênis Clube, trabalha comigo há muitos anos. Ele opinou sobre os textos e ajudou na revisão e nas notas de rodapé de todo o livro.

Introdução

Os “tempos perdidos” do título do livro são momentos não vividos, que ficaram soltos no tempo e no imaginário.

Não nos lembramos de muitas coisas que estão em nossa memória, e o que recordamos nem sempre é um retrato exato dos fatos. Com frequência, esquecemos, reprimimos e sublimamos o que não queremos lembrar. A lembrança dos fatos não costuma ser a primeira imagem, a real. Às vezes, a verdade chega perto, mas foge de nossa consciência, como ocorre quando acordamos e tentamos lembrar o que sonhamos. Os fatos que esquecemos não desaparecem. Vão para debaixo do tapete da memória e podem voltar a qualquer momento, sem avisar, muitas vezes disfarçados, incompreendidos.

A finalidade principal deste livro não é escrever sobre minha carreira de atleta, muito menos sobre minhas memórias pessoais. Não é uma autobiografia, nem um almanaque, nem um livro de pesquisa de informações. Também não tenho a pretensão de contar a história do futebol brasileiro, que já tem 120 anos, o dobro do tempo contado neste livro. A tentativa é fazer uma síntese da

evolução do nosso futebol nos últimos sessenta anos, especialmente das seleções brasileiras e das Copas do Mundo, a partir de minhas lembranças e impressões sobre as coisas que vi, senti, participei, analisei e imaginei nesse período, como garoto, adolescente, atleta profissional, médico, professor de medicina, comentarista de TV, colunista e cidadão. O futebol e o mundo mudaram muito ao longo desse tempo. Já minhas grandes dúvidas continuam as mesmas.

Por exagero didático, dividi esses sessenta anos em três períodos de mais ou menos vinte anos cada um, com um futebol praticado em diferentes qualidades e estilos. O primeiro, do final dos anos 1950 até o início dos anos 1970, foi de encantamento, beleza e fantasia. O segundo, chamado por José Miguel Wisnik de *intermezzo*, foi o do conflito entre a ciência e a improvisação. O terceiro, o da conciliação entre os dois olhares anteriores. Coincidentemente, minhas relações com o futebol foram também distintas em cada uma dessas três épocas. Nas primeiras duas décadas em questão, fui uma criança e um adolescente que gostava muito de futebol, que se tornou atleta e que foi obrigado a encerrar a carreira precocemente aos 26 anos de idade. Nas duas seguintes, fui estudante, médico e professor de medicina. Nos últimos vinte anos, trabalho como comentarista e colunista esportivo. “A vida dá muitas voltas, a vida nem é da gente” (João Guimarães Rosa).

1. Encantamento

Em 1863, foi criada a Liga Inglesa, a primeira associação do futebol mundial. Foram definidas as dezessete regras, como o tamanho do campo e o número de jogadores. Continuam atuais. O futebol teria chegado ao Brasil em 1864, trazido por Charles Miller, filho de um inglês com uma brasileira. Ele trouxe duas bolas, uma agulha para enchê-las, dois jogos de uniformes e dois livros de regras.

No início, o futebol no Brasil era jogado apenas por brancos e ricos. Era ruim e chato. Como ninguém ia ao campo, isso mudou. Na década de 1920, o Vasco foi o primeiro clube a aceitar um negro em seu time, embora alguns digam que foi o Bangu, time de fábrica, o que faz sentido.

Em 1933, começou o profissionalismo no país. O cronista Mário Filho, que dá nome ao Maracanã, foi, no *Jornal dos Sports*, o grande difusor do futebol como cultura popular. Desde pequeno, ouço que o Brasil é o país do futuro e que o futebol é desorganizado fora de campo. O futuro ainda não chegou, e o futebol,

apesar de ter se transformado em um grande negócio, continua desorganizado, dirigido por muitos amadores e incompetentes.

Nasci em 1947. Antes de 1958, não tenho lembranças do futebol brasileiro, a não ser o que li e escutei, especialmente sobre as Copas anteriores. A literatura sobre a derrota de 1950 para o Uruguai, no Maracanã, é enorme. Armando Nogueira, companheiro na televisão, gostava de falar da seleção húngara de 1954, com Puskás e outros craques, que eliminou o Brasil e perdeu a final para a Alemanha. Antes de ele falecer, eu deveria ter lhe perguntado sobre qual das seleções ele achava melhor: as do Brasil de 1958 e 1970 ou a da Hungria de 1954. Pelé, que jogou as Copas de 1958 e 1970, disse que a brasileira de 1958 era superior.

Recentemente, vi na íntegra algumas partidas da Copa de 1958, disputada na Suécia. A Seleção era melhor do que eu imaginara. Tinha Pelé e Garrincha, juntos, os dois maiores jogadores da história do futebol brasileiro, além de Didi, Nilton Santos e outros supercraques. Individualmente, deve ter sido superior à Seleção de 1970. Com Pelé e Garrincha, o Brasil nunca perdeu um jogo.* Alguns jornalistas dizem que os primeiros três minutos do jogo entre Brasil e Rússia, o terceiro do Mundial de 1958, foram os mais espetaculares da história do futebol. Aquela seleção brasileira foi o início da passagem do jogo natural, amador, espontâneo, para o futebol coletivo, organizado, profissional. No entanto, pelo estilo mais lento e pelos longos espaços entre os setores do

* Garrincha e Pelé atuaram juntos, com a camisa do Brasil, entre maio de 1958 e julho de 1966. Foram quarenta jogos, com 36 vitórias e quatro empates. Juntos, marcaram 55 gols: Pelé, 44, e Garrincha, onze. Os dois estrearam e se despediram da seleção brasileira com duas vitórias sobre o mesmo adversário: a Bulgária. O primeiro jogo foi no dia 18 de maio de 1958, no Pacaembu, em amistoso preparatório para a Copa do Mundo da Suécia. O Brasil venceu por 3 a 1, com dois gols de Pelé e um de Pepe. A despedida foi no dia 12 de julho de 1966, na Copa do Mundo da Inglaterra. Vitória de 2 a 0, gols de Pelé e Garrincha.

campo, era algo que fazia parte do futebol mais antigo, das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960. A Seleção de 1970, revolucionária para a época, mais disciplinada taticamente, com um jogo mais veloz e mais preocupada com a marcação sobre os adversários, foi o início do futebol moderno de hoje, embora o jogo fosse de intensidade e velocidade incomparavelmente menores que as atuais. Os jogadores de hoje, com excepcional preparo físico, jogam outro futebol. Se continuarem a correr cada vez mais, no futuro, será outro esporte.

Aos sete anos de idade, comecei a jogar no time do nosso bairro, com chuteiras, meiões e camisa de time de futebol, em um campo do mesmo tamanho em que jogam as equipes profissionais. O primeiro jogo que fiz com chuteiras foi contra o infantil do Atlético-MG, no campo do Galo. O time era formado por meninos de dez a catorze anos. Eu tinha sete. Como faltou um jogador, entrei com uma camisa em que a faixa horizontal ficava abaixo do calção. Todos riram. Ganhamos por 2 a 1, e eu fiz o gol da vitória, como ponta-esquerda. O grande ídolo do futebol mineiro na época, Ubaldo Miranda, famoso pelos gols impossíveis, que eram chamados também de gols espíritos, assistiu ao jogo e, após a partida, foi me cumprimentar. Fui carregado pela torcida do bairro até o IAPI, onde morava, por mais ou menos uma hora.

Meu pai, bancário, homem simples e de poucas palavras, extremamente generoso, antes do jogo de domingo, sempre às onze horas da manhã, passava no mercado, comprava bananas e distribuía a todos os meninos durante o intervalo. Ele, que não tinha nenhum conhecimento médico, dizia que banana continha muito potássio e que evitava câimbras, o que é verdade. Hoje, muitos atletas profissionais, de vários esportes, comem bananas durante os jogos. O técnico do time era Itaíbes, desenhista e publicitário, um homem visionário e culto. Ele exigia bola de pé em pé, pelo chão, da defesa até o gol adversário, uma característica dos gran-

des times do futebol brasileiro da época que foi dilapidada com o tempo, com a justificativa de que era necessário se adaptar ao futebol moderno. Hoje, as melhores equipes do mundo fazem isso, evidentemente, com outro ritmo e outra velocidade, além de inúmeros outros detalhes positivos que foram incorporados. O jogo ficou mais intenso e mais veloz. Isso também é bonito.

Quando o Barcelona ganhou do Santos por 4 a 0 na final do Mundial de Clubes de 2011, o técnico Josep “Pep” Guardiola disse que o time catalão jogava no estilo que seus pais e avós falavam do futebol brasileiro. Quando via o Barcelona de Guardiola atuar, com Xavi comandando o jogo no meio-campo, com a preocupação de não perder a bola, lembrava-me do Santos de Pelé, que tocava, tocava, parecia lento, quando então, de repente, acelerava, com muita troca de passes, até chegar ao gol adversário.

No dia 29 de junho de 1958, com onze anos de idade, eu estava no bar do conjunto habitacional onde morava, o IAPI, no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte, espremido no meio de uma multidão para escutar pelo rádio a grande final entre Brasil e Suécia. Eu era o único garoto. Daí, por ser muito pequeno, sempre o menor da turma, nasceu o apelido Tostão — na época, um tostão era a menor parte da moeda, equivalente a um centavo.

Desde cedo, gostava de jogar bola e de brincar com os meninos maiores, talvez pelo desejo de crescer rapidamente, de conhecer logo o mundo, de me antecipar ao tempo. Não é só a vida que passa rapidamente. Na ânsia de apressar o tempo, deixamos muitas vezes de viver intensamente o presente, como se alguns momentos especiais pudessem ser esquecidos ou adiados. Como disse o ator e diretor italiano Vittorio Gassman, deveríamos ter duas vidas: uma para ensaiar e outra para viver.

Escutamos, emocionados, os gols do Brasil. Quando terminou o jogo, vitória de 5 a 2, saímos pelo bairro cantando e dançando. Revezava-me nos ombros de meu pai e de meus três ir-

mãos mais velhos. Os craques de 1958, que repetiram o título em 1962, foram meus primeiros heróis. Nunca imaginei que, oito anos depois, jogaria ao lado de vários deles, na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra.

O futebol é repleto de histórias e lendas. Há muitas sobre a Copa de 1958. Contam que foram os mais experientes, como Didi, Djalma Santos, Gilmar e Nilton Santos, que escalaram Pelé e Garrincha, que eram reservas do ponta de lança Dida e do ponta-direita Joel, ambos do Flamengo. Falam ainda que o dr. João Carvalhaes, psicólogo da Seleção, teria dito que Garrincha não tinha condições emocionais nem responsabilidade para jogar o Mundial, por causa do amistoso, antes da Copa, contra a Fiorentina. Naquela ocasião, Garrincha driblou o zagueiro, o goleiro, parou com a bola na linha do gol, esperou os dois voltarem, driblou para trás, os dois caíram dentro do gol e Garrincha entrou com bola e tudo. Tempos depois, vi o lance pela tv. Era verdade.

No Brasil, a transmissão ao vivo pela televisão das Copas do Mundo começou em 1970. Assisti a todos os jogos da seleção brasileira da Copa de 1962, disputada no Chile, pelo videoteipe. Vi Didi comandar o jogo, como fez em 1958. Vi Nilton Santos, contra a Espanha, fazer um pênalti e dar um passo à frente, para enganar o árbitro (embora Juca Kfourri ache que não foi pênalti). Vi Pelé fazer um gol magistral, contra o México, depois se contundir e ser muito bem substituído, nos jogos restantes, pelo possesso Amarildo. Vi Garrincha fazer de tudo, gols de todos os jeitos. Não me esqueço, contra a Espanha, de ele começar a driblar no próprio campo, avançar uns dez metros com a bola, parar para esperar o marcador, driblá-lo novamente e, de dez em dez metros, chegar à linha de fundo e dar o passe para Amarildo fazer o gol.

No período entre 1958 e 1963, quando iniciei aos dezesseis anos minha carreira profissional no Cruzeiro, assisti pela televisão ou ao vivo, no estádio Independência, com meu pai e meus ir-

mãos, a vários jogos de Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos e vários outros craques, que estão entre os maiores da história de nosso futebol. No Raimundo Sampaio, verdadeiro nome do estádio, gostava de ficar na primeira fila da arquibancada, próximo ao gramado, onde via de perto os jogadores e sentia a emoção em seus rostos. Vi também, pela tv, as tabelas de Pelé e Coutinho, a dupla de ataque do Santos, com Pelé jogando a bola por cima do goleiro Manga, do Botafogo, no Maracanã. No Brasil, as partidas entre Botafogo e Santos eram tão ou mais espetaculares que as de hoje entre Real Madrid e Barcelona, na Espanha.

Didi, o Príncipe Etíope, como era chamado por Nelson Rodrigues, jogava com a cabeça em pé. Intrigava-me e impressionava-me como ele, com a parte externa do pé, dava uma curva na bola, que contornava o corpo do adversário, até chegar ao companheiro. Garrincha, o Fred Astaire de chuteiras, bailava em campo. Balançava o corpo, deixava o marcador paralisado e, imediatamente, colocava a bola nos pés ou na cabeça do atacante. O jornalista e depois técnico da seleção brasileira João Saldanha dizia que a grande qualidade de Garrincha era não perder tempo para pensar. Além de extremamente habilidoso e driblador, Garrincha possuía muita técnica e criatividade.

Pelé pensava e agia mais rápido que um megacomputador. Com dezessete anos, já executava, no mais alto nível possível, todos os fundamentos técnicos. Com o tempo, apenas ficou mais forte e descobriu novos truques. Mesmo sem treinar — já que, desde os dezesseis anos, jogava três vezes por semana, muitas vezes em países diferentes —, mesmo sem ter nenhum dos recursos tecnológicos e científicos de hoje, mesmo sem ter o amparo de especialistas na área esportiva, Pelé tinha uma excepcional condição física e técnica, o maior dos fenômenos. Por causa da anatomia de seu globo ocular, com os olhos expressivos e para fora, Pelé literalmente enxergava mais que os outros. Ele possuía o que

a ciência chama atualmente de inteligência cinestésica, que é a capacidade de mapear, sem racionalizar, em uma fração de segundo, tudo o que está em sua volta e calcular a velocidade da bola, dos companheiros e dos adversários.

Depois que me tornei comentarista, crítico de futebol, tentei, por minhas lembranças, achar uma deficiência em Pelé. Não encontrei, apesar de ele ser mais fenomenal em umas coisas do que em outras.

Nilton Santos, a Enciclopédia do Futebol, sempre elegante, antevia a jogada, se antecipava ao atacante adversário e iniciava o contra-ataque, com belos passes. Nunca deve ter sujado o calção. Assisti a um jogo entre Atlético-MG e Botafogo, no Independência. O primeiro tempo terminou 4 a 0 para o Galo. No segundo, o Botafogo virou para 5 a 4. Nilton Santos não estava escalado. Em seu lugar, jogou seu irmão, Nilson Santos, fisicamente idêntico a ele. Com poucos minutos de jogo, intrigado, perguntei a meu pai se aquele não era o verdadeiro Nilton Santos. Meu pai respondeu: “Tem o estilo do irmão, se parece fisicamente com ele, mas não é ele”. Continuei na dúvida, com vontade de perguntar de novo. Aí, veio uma bola pelo alto, Nilson Santos tentou dominá-la, a bola fugiu e o atacante do Atlético-MG fez o gol. Meus olhos e os de meu pai se cruzaram, e eu entendi a diferença entre um original e uma cópia, o que é e o que parece ser. O craque é. O que é, é.

Na parte tática, nas décadas de 1950 e 1960 e no período entre as Copas de 1958 e 1962, quase todos os times brasileiros atuavam no 4-2-4, com quatro defensores, dois jogadores no meio-campo (um volante e um meia-armador) e quatro na frente (dois pontas, um centroavante e um ponta de lança, que voltava para receber a bola, mas não participava da marcação). Segundo relatos, a seleção brasileira teria jogado dessa forma na Copa do Mundo de 1954, disputada na Suíça. O 4-2-4 teria sido inventado

pelo técnico Martin Francisco, em 1951, quando dirigia o Villa Nova, de Nova Lima, Minas Gerais. Naquele ano, o Villa foi campeão mineiro. Martin Francisco dirigiu vários grandes times em todo o Brasil e foi meu treinador no Cruzeiro, em 1963, quando entrei na equipe principal, antes da inauguração do Mineirão. Dizem que Martin Francisco se tornou alcoólatra e que teria morrido na miséria.

No Mundial de 1958, o ponta-esquerda Zagallo percebeu que o meio-campo era enorme para apenas dois jogadores, pois havia muitos espaços entre os setores. Assim, quando o time perdia a bola, Zagallo voltava para marcar ao lado dos armadores e, quando recuperava a bola, avançava como um ponta. Fez o mesmo na Copa de 1962. Anos depois, na Copa do México, em 1970, Rivellino teve a mesma função, sob o comando do mesmo Zagallo, então técnico da seleção brasileira. Era o 4-3-3 pela ponta. Muito tempo antes, em 1951, o ponta Telê, no Fluminense, já fazia o mesmo, só que pelo lado direito. A partir da Copa de 1962, alguns times brasileiros preferiram manter os dois pontas e o centroavante e recuar o ponta de lança, para ser um terceiro jogador no meio-campo. Era o 4-3-3 pelo meio, muito usado até hoje.

O 4-2-4 e o 4-3-3, usados naquela época, foram resultantes do esquema WM, que surgiu na Europa no fim da década de 1920 com o inglês Herbert Chapman e foi trazido para o Brasil pelo húngaro Izidor Kürschner (ou Dori Kruschner, como era conhecido aqui), contratado para dirigir o Flamengo em 1937. O time jogava com três defensores, dois médios, dois meias e três atacantes (3-2-2-3). Para o WM formar o 4-2-4, um dos médios recuou para a zaga. Esse novo defensor, o zagueiro pela esquerda, é chamado até hoje de quarto zagueiro. Um dos meias passou a ser o segundo jogador de meio-campo, chamado de meia-armador, e o outro se tornou o ponta de lança, formando o 4-2-4.

O WM foi originário do esquema 2-3-5, com dois defensores,

três médios e cinco atacantes, usado no início do futebol no Brasil. O centromédio era o armador mais talentoso, o que tinha o melhor passe e a melhor visão do conjunto. Dele, surgiu o volante, apenas marcador, plantado à frente dos zagueiros. É interessante que hoje em dia, em alguns times, o volante mais recuado pelo centro é, como no passado, aquele com mais talento, como era o caso de Pirlo na Juventus, como é Busquets no Barcelona, Kroos no Real Madrid e Schweinsteiger na seleção alemã. É a volta do antigo centromédio, dos anos 1950. As coisas vão e voltam, com roupagens diferentes.

Antes da Copa de 1958, o jogador brasileiro já era conhecido por sua habilidade, fantasia e improvisação. Faltava um grande título mundial para mostrar que essa intimidade com a bola, o futebol moleque, descontraído, poderia também ser eficiente. Foi o que ocorreu na Copa do Mundo de 1958 e se repetiu em 1962, com quase todos os mesmos jogadores. A partir do primeiro título, nasceu a mística da camisa amarela, do futebol bonito, do futebol arte, da magia, enquanto os europeus jogavam o futebol força. Dizia-se que nasciam craques em cada esquina no Brasil. Alguns lances passaram a ser a marca característica do futebol brasileiro, como os passes de rosca, de curva, de trivela, os dribles de todos os tipos, os elásticos, os chapéus, a ginga, a finta com o corpo, sem tocar a bola, e dezenas de outros efeitos especiais. O mundo passou a adorar o futebol brasileiro. Quando aparecia um jogador de muita habilidade na Europa, diziam que atuava como um brasileiro.

Há uma grande discussão sobre as origens de tanta habilidade e fantasia. Muitos diziam que tudo começava nos campos de pelada, de terra, onde os meninos, em vez de estarem em escolas públicas, em horário integral, descobriam a intimidade com a bola, sem regras e professores. A miscigenação racial do povo brasileiro seria outro motivo. A importação de técnicos sul-america-

nos, como Fleitas Solich, Filpo Nuñes e outros, e húngaros, como Eugênio Medgyessy, Dori Kruschner, Imre Hirschl e Béla Guttmann, nos anos 1950, ajudou na evolução de nosso futebol. A Hungria tinha uma seleção fantástica em 1954, quando venceu o Brasil por 4 a 2.

O argentino Filpo Nuñes foi técnico do Cruzeiro em 1964, antes do Mineirão, que seria inaugurado no ano seguinte. Após as partidas, ele reunia os jogadores e perguntava a um meia ou a um atacante que havia sido muito elogiado pela imprensa: “Quantos gols você fez? Quantos passes deu para gols ou que poderiam ser gols?”. O jogador respondia: “Nenhum”. Filpo retrucava: “Então, você não fez nada”.

Alguns pensadores relacionam o estilo descontraído e irreverente e a improvisação do futebol brasileiro com a brincadeira e a falta de compromisso — da mesma forma como alguns escritores, como Machado de Assis, definiram o homem brasileiro. Esses e tantos outros motivos foram determinantes para a criação do estilo brasileiro de jogar, único, que se perdeu progressivamente ao longo do tempo. Hoje, estamos sem identidade, sem saber onde estamos nem para onde vamos.